

## DOSSIÊ TEMÁTICO

### Tornar-nos Crianças:

Auto/etnografias, cuidados e reparações

**Adriana Pinto Fernandes de Azevedo<sup>1</sup>**

**Diego Paleólogo Assunção<sup>2</sup>**

**Vinícios Kabral Ribeiro<sup>3</sup>**

**Introdução**

**REBEH**

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA

*“sobreviveremos nesses tempos por meio  
de um modo feroz de contar histórias”  
Donna Haraway, 2018*

*"E quem caiu vai levantar e a gente vai vencer  
Sofrimento acabar e o amor vai crescer  
Inimigos vão cair ao som desse trovão  
Levanta a mão pro alto e sente o rajadão"  
(Rajadão, Pablo Vittar)*

*"Querem nos matar  
Mas eles não sabem  
Que a nossa vontade é mesmo de amar"  
(Querem nos matar, Angela Ro Ro)*

Escrever é produzir memórias. Esse dossiê é uma tecnologia, um "modo feroz de contar histórias", como anuncia Donna Haraway em um breve comentário de 2018 que agora nos serve de epígrafe. Como tecnologia, possibilita outras metodologias para compor o presente e o futuro; engendra a promessa e afirmação contidas nos versos da Pablo Vittar e a potência afetiva e política do amor cantado por Angela Ro Ro - vários artigos, inclusive, abordam esses outros amores como espaços de acolhimento, proteção e cuidado.

<sup>1</sup> Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade com bolsa CNPq pela PUC-Rio (2016) e Pós-doutoranda, FAPERJ, pela mesma instituição. [adrianapfa3@gmail.com](mailto:adrianapfa3@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pela UFRJ e Pós-doutorando na Faculdade de Comunicação Social da UERJ. [diego.paleologo@gmail.com](mailto:diego.paleologo@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação pela UFRJ e Professor Adjunto da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As infâncias são experiências paradoxais: a exigência da felicidade, do descompromisso e aproveitamento pleno vem parasitada/corroída por disciplinas e coerções extremas que atrofiam corpos e subjetividades para que caibam em sufocantes formas da cishéteronorma. Como escreve Jack Halberstam em *A Arte Queer de Fracasso*, “A infância, como várias pessoas, sobretudo queer, recordam, é uma grande lição de humilhação, estranheza, limitação” (HALBERSTAM, 2020, p. 53).

Halberstam desenvolve o conceito de um corpo queer fracassado, e esse fracasso como nossa potência. O fracasso queer seria para ele uma forma de recusa das normas de poder e de disciplina.

Consideramos, a partir de Halberstam, que a criança queer, ao falhar, põe em xeque os modelos de família que não comportam membros indisciplinados e fora da heteronormatidade necessária para lhe dar legitimidade social. Quando a criança falha, todo o seu entorno constitutivo entra em ruínas junto com ela. A criança queer é como a peça de madeira que faz toda a torre vir ao chão, na popular brincadeira “jenga”. É a rachadura na estrutura da casa da família tradicional brasileira, que precisou ser amparada institucionalmente pelos criadores do Estatuto da Família, aprovada no Congresso Brasileiro em 2015 e que pretende defini-la como formada a partir de homem e mulher, excluindo diversas configurações familiares, não só homoafetivas, mas organizadas a partir da figura de uma mãe solteira, de tias, irmãos órfãos, etc, mas que também exclui a possibilidade de infâncias fora da norma.

Despedaçamos e somos despedaçades desde os nossos primeiros passos tortos, e nos reconstituímos persistindo na falha - “fail again, fail better”. Dos cacos da nossa infância, nossos corpos aprendem outras linguagens, outros discursos, que comunicam outras formas de se relacionar, amar, de produzir memória, política e, sobretudo, novos mundos.

Para que esses mundos porvir se materializem, precisamos sonhar, fabular, ficcionalizar.

Sonhar como um trabalho com prazer, *em* prazer - mas um trabalho mesmo assim: dançar, performar, fazer ritos para que os portais se abram, para que esses mundos atravessem os espaços, ganhem espessura, densidade, forma; precisamos viajar no tempo, nos mover em nossas próprias histórias e cuidar.

Nas medicinais alopáticas, principalmente as práticas pautadas pela indústria farmacêutica, a doença, o mal-estar, devem ser eliminados, tratados a ponto de o corpo se recuperar como se nunca houvesse sido tocado por mal algum. Memória e repetição

funcionam como uma operação que conduz o sujeito a retomar a sempre desejada normalidade - retornar ao momento anterior ao trauma, à crise, à doença.

Esse dossiê não se trata, tampouco, de um tratamento para reabilitar o sujeito para a produtividade. As escrituras, escrevivências, ensaios e artigos presentes neste número realizam a vertigem da viagem no tempo.

Os movimentos de cura: mergulhar e desodenar o tempo (FERREIRA, 2019) de mundo ordenado.

A linearidade do tempo organizado, do mundo ordenado, responde aos desejos de domesticação e fabricação de corpos dóceis (atualmente, isso não se restringe mais aos sujeitos apenas heterossexuais) e úteis ao regime capitalista, fabril e industrial. No contexto da necropolítica, operada teoricamente por Achille Mbembe (2018), esse mundo só foi possível mediante a descartabilidade de corpos racializados - evidenciando a questão ética “quais corpos podem viver e quais devem morrer”. Essa modelização de corpos e subjetividades se *inicia(va)* na infância, através da família e da escola.

Não se adequar, desde cedo, aos modelos, implica em incorporar para si as fantasias, práticas e arranjos que ferem a frágil pele desse tecido - crianças viadas, racializadas, não binárias, enfim, não-brancas e não cishétero, descobrem e inventam ferramentas práticas e/ou subjetivas para sobreviver nesse mundo.

Ao disputar mundos - quais acabam, quais surgem - estamos, também, disputando vidas. O que fazer diante de um mundo que desaba? O que fazer ética, afetivamente?

O projeto e prática de *comum* que nos acolhe é construído diariamente por nós e tantas outras pelo planeta; é pensado, sonhado, criticado; pode ficar invisível quando desejar para se proteger e é nômade - esse “comum” é mais desenhado a partir das experiências, práticas e vivências, imaginado também por Fred Moten e Stefano Harney (2013) como “*undercommons*” - epistemologias não-brancas, antirracistas, anticoloniais, que escapam tanto aos saberes hegemônicos quanto aos poderes coercitivos e destrutivos do Poder.

### **Tornar-nos crianças: viagens nos tempos**

A proposta, então, foi convidar as autoras a um exercício ético que se encontra no cruzamento entre ensaio, artigo e autoetnografia. O tema da criança aparece em

diversos contextos. Movidas pelas provocações urgentes de Preciado e Sedgwick, a saber, escolhemos o delicado tema da criança como fio condutor para o dossiê da Revista Brasileira de Estudos da Homocultura - REBEH.

Na intenção de uma composição que escape aos moldes não raramente ortodoxos e cristalizados da academia, propomos uma visita/revista aos tempos em que fomos crianças e um exercício de conectar/dobrar esses tempos aos de agora.

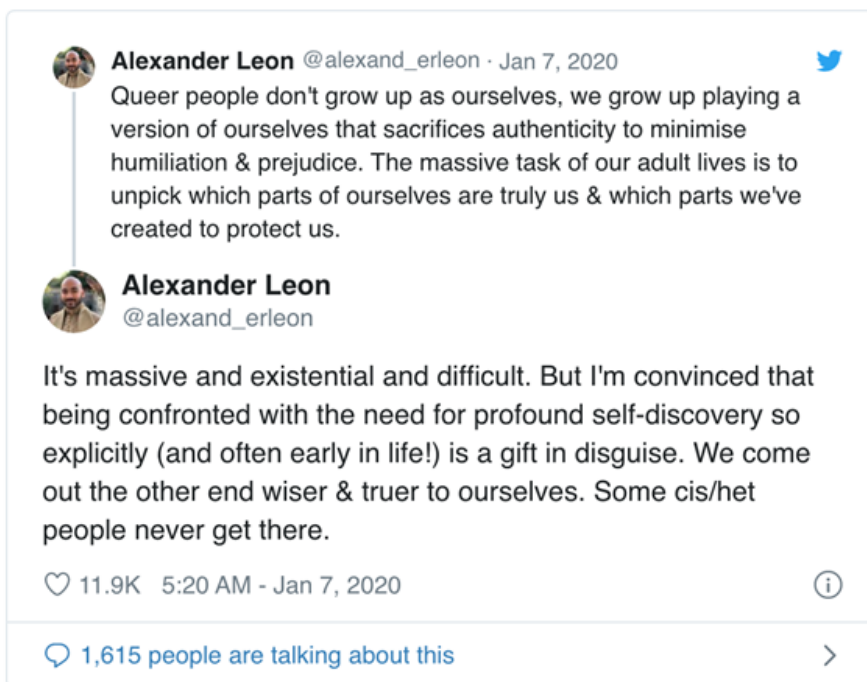
*Quem defende a criança queer?*, pergunta Preciado em um artigo. Se a heteronorma compulsória faz uso de todas as violências contra essas subjetividades, é nossa responsabilidade ética se mover contra essas violências e em defesa dessas outras existências.

A provocação de Sedgwick, de 1991, é mais radical na proposta de “como criar suas crianças gays” [how to bring up your kids gay]. Seja no âmbito do ativismo ou da academia, temos nos afastado das questões da infância (incluindo as nossas), talvez tentando esquecer que “a temporada de caça às crianças gays está sempre aberta (Sedgwick, 1991)”. As questões da expulsão de casas, dos espaços escolares e do suicídio de crianças e adolescentes lgbtqi+ são urgentes e precisam ser mapeadas e abordadas em suas intersecções com religião, classe, raça e região.

De certa maneira, um dos movimentos que propomos é lançar esse olhar para a história e pensarmos “como sobrevivemos?”, quais estratégias, circunspeções, fugas, negações e violências atravessamos? E de que forma podemos tecer curativos, o carinho, o acolhimento e produzir políticas de cuidado, proteção e defesa.

Esse convite parte também de um tweet sobre como o indivíduo lgbtqi+ cresce:

Figura 1. Captura de tela dos tweets de Alexander Leon, publicados em Janeiro de 2020. Os tweets viralizaram, foram traduzidos para diversas línguas e republicados. No momento dessa captura, o fio contava 11.900 curtidas e 1.615 usuários falando sobre.



Fonte: print screen, realizado pelas autoras, das publicações de Alexander Leon no Twitter.

*"Pessoas queers não crescem sendo elas mesmas. Crescemos representando uma versão de nós mesmas que sacrifica autenticidade para minimizar humilhações e preconceitos. A pesada tarefa das nossas vidas adultas é descosturar as partes de nós mesmas que são realmente nós das partes que criamos para nos proteger. É pesado e existencial e difícil. Mas estou convencido de que ser confrontado com a necessidade por uma intensa autodescoberta tão explícita (e, geralmente, tão cedo na vida!) é uma benção disfarçada. Saímos do outro lado mais conscientes e sinceros conosco. Algumas pessoas cis/het nunca chegam lá."*

Muitas de nós cresceram e viveram parte de suas vidas aprisionadas em performances de gênero, sexualidade e corpos. Descobrir-se lgbtq+ é um processo muitas vezes violento.

Como reparar esses processos?

Como curar?

Tornar-se criança, então, é um exercício metodológico (de caminhos) que agencia as fronteiras do tempo – buscamos uma temporalidade que recuse também a crononormatividade – Muñoz (1999), Halberstam (2020). Voltar ao passado para curar o presente.

Organizar um dossiê com esse tema exige uma estranha viagem aos mundos íntimos, peculiares e, ao mesmo tempo, terrivelmente familiares das infâncias e pré-adolescências *não-hétero, não-binárias, não-brancas*. Algumas convidadas não

conseguiram realizar esse ritual - sim, trata-se de um ritual de voltar, de dobrar, driblar o tempo - por implicar em visitar eventos traumáticos.

Pior, talvez: realizar esses rituais implica em revelar traumas, abusos e violências que estão seguramente soterrados nos porões das lembranças; e, como mencionado, esses rituais exigem trabalho: revelar os traumas e esquecê-los; transformá-los para além da tristeza, da dor, do sofrimento, da perda.

Os nossos traumas, ao contrários dos grandes traumas partilhados pela humanidade, como elabora Ann Cvetkovich em seu livro *An Archive of Feelings - Trauma, Sexuality, and Lesbian Public Culture* (2003), são restritos aos ambientes domésticos e, por isso, pouco partilháveis: seja pela rejeição familiar, o confinamento (no caso das existências lésbicas), a violência ou o abuso sexual. Cvetkovich demonstra também como os aspectos negativo do trauma, nas práticas culturais *queers*, são acolhidos, e não recusados. Isso “desafiaria a própria hipótese repressiva, tão central para a auto-ajuda e discursos terapêuticos” (CVETCKOVICH, 2003, pp. 88 e 89).

As nossas experiências traumatizantes, quando conseguimos acessá-las, são constitutivas das nossas subjetividades. Ao contrário do otimismo um tanto quanto ingênuo e demasiadamente branco do movimento estadunidense “It gets better”, não quer dizer que recusemos a dimensão da violência direcionada às nossas vivências desde seus primeiros anos, e que acreditemos que um dia essa violência cessa através da chegada de uma autonomia na vida adulta, mas sabemos que esses são os passos que nos trazem até aqui. Nossas vidas resistem e insistem mesmo diante do fato traumático, e reelaboram, curam e curam novamente, em feitiços e elaborações poéticas.

A proposta foi, então, percorrer e (re)desenhar cartografias afeto-políticas: seguir os mapas das memórias em suas falhas, ficções, desejos, especulações e epistemologias.

Re\_encenar, re\_encarnar, reparar - alguns sentidos dicionarizados de ‘reparar’: voltar a ter energia, força, saúde; compensar alguém ou a si próprio por danos, prejuízos ou contrariedades sérias; tomar cautela; resguardar-se; oferecer proteção a si mesmo; abrigar-se, proteger-se.

Alguns artigos convocam a cultura pop (telenovelas apareceram em diversos momentos) como espaço de acolhimento para as infâncias que desviam e borram os binarismos do mundo; outros textos conectam experiências cingidas, distantes no espaço e no tempo, re-unidas através do afeto e da narrativa; outros, ainda, convocam os afetos presentes para imaginar corpos, alianças, imagens.

Alguma coisa brilha, constantemente, como uma criatura aquática, monstruosa, das fossas do mundo, com sua luminescência própria: esse brilho ativa outros brilhos, outras criaturas, outras formas de piscar, de acender.

Se há alguma dança metodológica, é a de imaginar caminhos.

A postura ética diante do mundo é constantemente perguntar e responder quem defenderá a criança queer? A criança negra? A criança indígena?

Essa questão deve mobilizar o mundo.

Andiara Ramos Pereira e Cuauhtémoc Peranda questionam o conceito de infância, colocando-o em tensionamento com as vivências racializadas. Como interseccionalizar raça e gênero em corpos infantis? Como é ser um corpo *queer* negro? Além disso, Pereira e Peranda também elaboram as presenças e vivências de crianças queers negras na cena ballroom estadunidense, da qual fazem parte. As autoras de Entre memórias de infância e crianças legendárias: gênero, raça e sexualidade dos primeiros anos à cena de ballroom & vogue estadunidense costumam vivências pessoais, lembranças e situações às teorias que emprestam corpo e densidade ao relato poético.

Ramayana Lira e Alessandra Brandão, em “Inventário de uma infância sapatão em um mundo de imagens”, produzem uma escrita a quatro mãos, em um inventário imagético habitado por modos de existir que potencializam suas falhas e descontinuidades do tempo. A cronologia disruptiva *queer* é um acúmulo, e não uma progressão. A criança sapatão persiste no corpo e na escrita das autoras, na construção de um texto poético e afetivo, onde as dores e os traumas se tornam possibilidade de vida no presente.

“A ciência que vigia o berço: diferentes leituras de “saúde” frente a crianças trans e crianças intersexo”, de Amanda de Almeida Schiavon, Sofia Favero e Paula Sandrine Machado, analisa como a articulação das categorias infância e gênero produzem disputas e embates, sobretudo pelo poder médico e jurídico. As autoras enfatizam a necessidade de uma perspectiva ética para evitar a homogeneização das infâncias trans e intersexo.

Natalia Borges Polesso nos coloca diante de uma reflexão que atravessa seu fazer literário e como ele possui um compromisso com a vida em seu delicado “A vontade de narrar: Estratégias de reparação para infâncias *queer*”. Seu texto discute a

presença de personagens da infância em sua obra. Polesso foi vencedora do Prêmio Jabuti de 2016 com o livro de contos *Amora* (2016), no qual diversas histórias contam com a presença de personagens crianças em descoberta de sua lesbianidade. Suas personagens infantis servem, para ela, como estratégia de reparação para crianças e adultos LGBTQIA.

“Carta de uma criança queer para outra criança queer: percursos espectatoriais desviantes na infância”, de Dieison Marconi e Fábio Ramalho é uma reflexão pulsante das imagens que nos constituem, nos curam e nos protegem. Uma teorização da experiência, a partir do engajamento afetivo, capaz de inventar outros mundos. O texto aponta para uma sensibilidade capaz de se conectar pelo subentendido, pelo não dito, pelo insinuado. Mais ainda, o gesto lúdico dos autores nos convidam a escavar em nós as imagens que amamos.

Possíveis origens dos impactos da violência de gênero na infância e na adolescência, de Meire Oliveira Silva, tendo o documentário *Bichas* (Marlon Parente, 2016) como fio que conduz a narrativa, ampliam geosexopoliticamente a trama de vozes e corpos que atravessaram as pressões e imposições heteronormativas das infâncias rumo a “descoberta de uma atitude politicamente emancipatória”; desde marcar a escolha do título ‘bicha’ e discutir questões sobre a linguagem e linguística aos modos de atravessamento e performances do corpo e da sexualidade, o artigo empresta ao documentário “*Bicha*” potente sopro teórico, evidenciando a urgência de outros modos de operações éticas e a relevância de compartilhar histórias como estratégia de costura, cura e produção de ferramentas para as bichas que estão por vir e as que permanecem. Nesse sentido, registrar, documentar, é um gesto de produzir não apenas materialidade como também ferramentas.

No artigo “Repensando as infâncias das crianças negras: notas afroperspectivistas e introdutórias a partir do *Sopapinho Poético*”, Liziane Guedes da Silva e Renato Nogueira propõem um movimento ético para repensar como a criança negra aparece nas produções acadêmicas; propõem também desejos e práticas, a partir do afroperspectivismo e do evento *Sopapinho Poético*, para a construção de uma percepção de si e de subjetividade da criança negra que não seja através das violências e traumas do racismo.

“Quem enxerga a criança trans? Memórias de um menino transgressor”, de Thomas Victor Barreto Cardoso aposta na potência da refazimento da memória, da busca da imagem arrancada e da reparação dos eventos traumáticos, como estratégia de



se colocar no presente e contribuir para que outras crianças não tenham percursos tão duros em suas expressões e identidades de gênero.

Em “Reminiscências da infância viada: ensaio sobre o controle escolar da (homos)sexualidade”, João Gomes Júnior analisa a constituição da escola como um aparato de controle, policiamento do gênero, da sexualidade e os impactos dessa normatização excludente em sua vida.

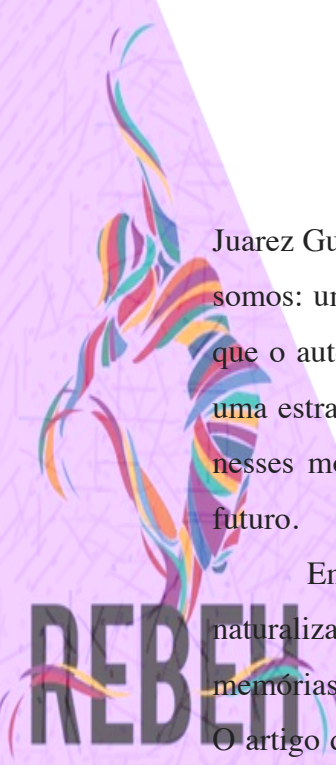
“Narrativas De Infâncias Em Desvios: Disputas À Educação Para O Pleno Desenvolvimento Da Pessoa”, de Samilo Takara, discute a categoria infância a partir de documentos legais e suas implicações nas relações entre educação, sexualidade e cultura. O autor coloca uma questão central e urgente: é possível uma educação plena para crianças que estão inscritas fora dos marcos da cis-heterossexualidade?

Em “De criança viada a procurador do estado: a trajetória de vida de um corpo desobediente no Sistema de Justiça brasileiro”, Igor Veloso Ribeiro produz um texto em tom de relato, onde nos traz a sua trajetória como criança que não se adequa às normas de gênero e sexualidade, e como seu devir subversivo acabou colocando-o em um constante rasurar com o ambiente formal e patriarcal judiciário.

Márcio Alessandro Neman do Nascimento, Eloize Marianny Bonfim da Silva, Jefferson Adriã Reis e Jéssica Matos Cardoso apresentam em “Paisagens Psicossociais Cinematográficas De Uma Infância Trans: Análise Cartográfica Fílmica De Tomboy” apontam para a potência das imagens na construção de existências singulares. A partir da filosofia da diferença, dos estudos de gênero e dos estudos queer, há uma sensível aproximação com o universo do protagonista de Tomboy.

A cultura pop como estratégia de viagens (encontros, desencontros, etc) para sensibilidades e espectadorialidades queers é uma das linhas de condução do artigo “E Mesmo Ameaçado Eu Serei Cada Vez Mais Viado”: Considerações sobre o pop como espaço de existência/resistência para a criança viada”, de Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça. O autor convoca cenas da sua infância, telenovelas e animações que o fascinavam/atravessam enquanto criança viada, para compor a paisagem teórico-política-afetiva através da qual a viagem é realizada.

Em “Pelos Janelas: Faíscas urbanas e imagens da infância”, de Tainá dos Santos Oliveira e Lais Medeiros Amado, em sintonia com a epígrafe de Haraway, apostam na força de contar histórias. Respaladas pela psicologia social, evocam o narrar como um gesto ético diante do atual cenário político e a brincadeira como forma de ativar a potência disruptiva das memórias e transformar o presente.



Juarez Guimarães Dias, no ensaio “Da criança que um dia fui para as crianças que ainda somos: um manifesto pela liberdade de ser”, parte de uma dobra no tempo - uma carta que o autor escreve para o passado. Rememorar através de exercício peça-jogo-festa é uma estratégia de autocuidado. As infâncias, antes distantes e separadas, se encontram nesses movimentos, nas narrativas que reparam o passado, cuidam do presente e do futuro.

Em “Narrar a si gay, infâncias e educações: violações quantificadas-naturalizadas”, temos o horizonte de dois jovens licenciados, um mergulho em suas memórias da infância e o impacto de tais reminiscências em seus percursos formativos. O artigo de Alexandre Luiz Polizel aposta na bricolagem como método e nas reflexões oriundas do pensamento de Michel Foucault e Friedrich Nietzsche.

A tecitura artística de Caio Riscado, intitulada “É sem contato que se ganha idade”, é atravessada de referências poéticas afetivas de jovens poetas LGBTQTIA. Em seus versos, diz que ao lidar com a infância, é preciso “segurá-la entre os dentes”. Não nos afastarmos da infância por pudor de sermos perseguides. Caio nos traz o lado duro de ser criança, desmistificando a romantização que dessa fase da nossa jornada subjetiva.

## **Nós**

As nossas próprias vidas são parte do raro rito de rememoração e resgate que aqui se elabora, além da sua conseqüente cura e, sobretudo, reversão de traumas. Eu, Adriana Azevedo, vivi uma típica infância tomboy, uma estereotípica moleca, registrada nas fotos da infância nos anos 1990. Com cabelos compridos, porém com as roupas herdadas do irmão - como estratégia de economia familiar, pois venho de uma família humilde do subúrbio do Rio de Janeiro. Herdar essas roupas foi uma forma de tornar possível a constituição da minha subjetividade, ao transferir aquela possibilidade de existência ao meu corpo. E eu demonstrava preferência por correr, ser livre, andar de skate, soltar pipa, jogar bola, pião, e desejava ser um bate-bola (rito carnavalesco popular só permitido aos meninos). A palavra “sapatão”, como xingamento, veio cedo. Aprendi desde sempre que eu encarnava algo de anormal, alguma coisa que era preciso ser apontada cada vez que eu vacilasse. E eu tentava nunca brigar, pra não ouvir como resposta ao dizer “você é uma chata”, “e você é uma sapatão!”. Escutei de outras

pessoas que eu era sapatão antes mesmo de me entender uma. Talvez isso tenha facilitado o meu processo de auto-descoberta, apesar de não ter sido essa a intenção social, porque sabemos como mulheres são afetadas pela heterossexualidade compulsória, e passam a vida inteira sem perceberem sua bissexualidade ou lesbianidade latentes. Minha performatividade de gênero e sexualidade vêm de lá, dos recônditos da primeira fase da minha vida. Algo que eu já expressava ao mundo, mesmo que esse mundo já se apresentasse tão precocemente violento em sua lesbofobia.

### **Entrada em diário. Julho de 1995**

Hoje eu vi um fantasma.

Foi no corredor do quinto andar, depois dos laboratórios de química. Início de Julho, o colégio está praticamente vazio e o que caminha por lá, caminha escondido.

Eu estava fugindo, claro. Só quem está no colégio, em Julho, são os que não renderam bem durante a primeira metade do ano e precisam de “recuperação”. As aulas acontecem no turno da tarde, ou seja, das 13h às 18h. Nessa época do ano a luminosidade decai e às 18h resta apenas um fim de tarde mórbido e frio no Cosme Velho.

Recebi bilhetes durante as aulas de matemática. Eram folhas arrancas de caderno e rudemente rasgadas ao meio; as palavras, em garranchos azuis ou pretos, consistiam em ameaças e xingamentos: *bicha!*, *vai apanhar hoje!* e variações sobre o mesmo tema. São aos alunos que “não renderam o esperado”: eu, os meninos do fundo da sala, Juliana e Bia.

A aula se aproxima do fim e preciso ser rápido. Acostumado em ter que sair sempre correndo, estou perto da porta. Guardo minhas coisas e eles percebem o movimento. Sinto que o professor também repara, mas não faz nada. Um dos meninos sussurra “foge não!”. Meu coração bate na garganta. Eles são sete. Escrevendo isso, agora, minhas mãos suam. O professor faz uma última pergunta e, em um breve instante de distração, consigo fugir.

Não olho, mas sei que pelo menos um deles está vindo atrás de mim.

Sem saber exatamente o motivo, ao invés de descer para o pátio e para a saída, subo para os andares da direção, na esperança de encontrar alguma professora. Galgo as escadas largas de dois em dois, a mochila jeans batendo nas minhas costas. Estou tão tenso que não ouço mais nada além do meu sangue. O quarto andar, da direção e dos

professores, está deserto e escuro. Subo para o quinto - um corredor escuro com várias portas fechadas, cheiro de mofo e produtos químicos.

Não sei se eles me seguiram, mas resolvo me esconder mesmo assim. Tento as portas e dou sorte apenas na terceira: um depósito de mesas e cadeiras quebradas, as janelas escondidas por pesadas cortinas verdes. Me encolho debaixo de uma mesa, abraço a mochila e espero, olhando a escassa luminosidade através da fresta da porta.

Não sei quanto tempo passou. Mais calmo, decidi sair. Talvez eles tenham descido, achando que tentei sair do colégio, não me encontraram e desistiram. Atravesso o depósito e saio para o corredor, que parece mais escuro agora, iluminado por uma fraca lâmpada amarela.

Dou alguns passos e então percebo que há alguém ali, no limiar entre o corredor e a escada.

Não é um dos meninos. É um homem alto, com roupas estranhas, cabelo farto e grisalho. Ele está de costas para mim. Avanço, pé ante pé, quase sem respirar. Tudo voa pela minha cabeça, mas mantenho a esperança de ser um professor desconhecido.

Estou a menos de um metro, quase na escada para descer e sair, quando ele se vira.

É um sentimento estranho para descrever: certeza que não conheço esse homem, *que ele não é daqui*, mas há algo de terrivelmente familiar. Ele é bem mais velho e usa uma máscara, dessas de médico, que cobre o nariz e a boca. O olhar é firme e suave. A cada instante que olho para ele é como se, ao mesmo tempo, ele estivesse e não estivesse ali. Abro a boca pra falar alguma coisa - *o que? não tenho a menor ideia* - quando um grito sussurrado quebra o silêncio: *bicha!*

É um dos meninos. O pior deles. Subindo as escadas na minha direção.

*Eu sabia que você não tinha ido embora*, ele diz, meio rindo.

O homem sumiu como num sonho. Penso, de forma selvagem e incoerente, que além de viado eu também tenho alucinações.

Olho pra trás. Não tem pra onde correr. Vou apanhar, sem nem saber direito porque, vou ser espancado no quinto andar do colégio vazio.

O menino chega onde estou, no limiar entre a escada e o corredor. Ele é mais alto e mais forte. *Você achou que ia escapar, né, viado?*

A única lâmpada amarelada pisca e o homem reaparece. É como se fosse holográfico: visível apenas em determinados ângulos.

O menino que estava prestes a me espancar fica confuso. O homem, meu primeiro fantasma, olha para o menino, tira a máscara e grita um grito que estremece as

fundações do colégio. A lâmpada explode. O garoto dá um passo para trás, em falso, e cai pelas escadas.

Na escuridão que engole tudo, vejo apenas minha chance de fugir. Desço correndo as escadas, passo pelo menino caído - sinto vontade de chutá-lo, mas sigo correndo.

E agora estou aqui, três da manhã, deitado e sem conseguir dormir.

Sim, mesmo aos 14 anos, já sei que sou viado e não vejo nada de errado nisso. E, para quem vê, tenho meus fantasmas.

Apesar do tema do dossiê nos convidar a retomar o tempo da infância, viajei à adolescência. Tenho três diários que escrevi ao longo do ensino médio. Perco-me nas leituras, nas frases truncadas, nos nomes reinventados. Estratégias e segredos para deixar registrado o cotidiano. Potente exercício de fabulação, de gostar cada vez mais da criança e adolescente que fui.

Em outubro de 2003, aos 15 anos, escrevi: “resolver meus traumas é uma luta incessante”. Foi o ano em que pude visualizar e começar a colar os caquinhos partidos. Mosaico. Uma agenda como repositório parcial e fragmentário de expectativas, notas escolares, trechos de músicas, poesias autorais, fotografias analógicas, dedicatórias de amigos.

Em alguns momentos expresso que não estou sendo sincero com meus amigos, sobre o que penso e quem sou. O sair do armário constante: forçado ou por livre iniciativa. O medo da rejeição, de ser sempre incompleto, esquecido, indesejado. Solidão. Ao mesmo tempo, a politização da identidade difamada, que emerge da amizade da galera “pink”, expressão que usei naquele ano. Tenho poucos registros visuais da adolescência, menos ainda da infância. Quando adolescente rasguei muitas fotos, sobretudo as que outras pessoas apontavam como motivo de vergonha. Outras, pela necessidade de estarem tão escondidas, perderam-se. Por fim, agradeço a criança Viada-Vinícios que fui e suportou tantos abusos. Agradeço a você, espinhento, com seus piercings, sua timidez curiosa, sua coragem necessária. Vocês me trouxeram até aqui.

“Acho que cada pessoa deveria ter uma educação sexual satisfatória, partindo inicialmente da família. Infelizmente, a realidade condizente é outra. Isso impossibilita qualquer diálogo, tornando o sexo algo proibido e errado. Quando, também, nesta educação falta orientação sobre riscos de gravidez e doenças. As pessoas, em especial a galera pink, já é naturalmente frustrada e reprimida, com uma educação recriminatória.

Isso pode torná-los cidadãos insatisfeitos com sua condição e se conduzindo para caminhos opostos a seus objetivos, se curvando a esses destinos por motivos aparentemente banais, mas para eles totalmente significativos. Cada um é especial e coexiste dentro da sua realidade (Caldas Novas, 31 de julho de 2003)”.

### Referências

CVETKOVICH, Ann. (2003) **An Archive of Feelings: Trauma, Sexuality and Lesbian Public Cultures**. Durhan & Londres: Duke University Press.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006

FERREIRA da Silva, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe Editora, 2020.

HARAWAY, Donna., LIBRANDI, Marilia. "Isso parte meu coração", em **DR revista**, 2018. Disponível em <http://revistadr.com.br/posts/isso-parte-meu-coracao/>. Acesso em 31 de julho de 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOTEN, Fred., HARNEY, Stefano. **The Undercommons: fugitive planning & black studies**. Nova Iorque: Minor Compositions, 2013.

MUÑOZ, José Esteban. **Disidentifications: queers of color and the performance of politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

PRECIADO, Paul. Quem defende a criança queer? **Revista Geni** nº 16. Disponível em: <https://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer/>. Acesso em 31 de julho de 2020.

SEDGWICK, Eve. How to bring up your kids gay. **Social Text**, No. 29 (1991), pp. 18-27. Carolina do Norte: Duke University Press, 1991.